



Correspondência às Autoras

Paula Aparecida Diniz Gomides  
E-mail: [contatopaulagomides@gmail.com](mailto:contatopaulagomides@gmail.com)  
Universidade Federal de Minas Gerais  
CV Lattes  
<http://lattes.cnpq.br/2301779707132368>

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo  
E-mail: [socorroneunesmacedoufsj@gmail.com](mailto:socorroneunesmacedoufsj@gmail.com)  
Universidade Federal de São João del-Rei  
CV Lattes  
<http://lattes.cnpq.br/6550649595912231>

Grazielly Aparecida de Almeida  
E-mail: [graziellyalmeida@outlook.com.br](mailto:graziellyalmeida@outlook.com.br)  
Universidade Federal de São João del-Rei  
CV Lattes  
<http://lattes.cnpq.br/3775191795991371>

Submetido: 09 nov. 2021  
Aceito: 16 maio 2023  
Publicado: 02 jul. 2023

 [10.20396/riesup.v11i00.8667503](https://doi.org/10.20396/riesup.v11i00.8667503)  
e-location: e025006  
ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



## Mobilidade Acadêmica e Internacionalização: a experiência da UFSJ com o Programa De Tutoria Social Voluntária

Paula Aparecida Diniz Gomides  <https://orcid.org/0000-0002-4699-4309>

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo  <https://orcid.org/0000-0003-3103-3203>

Grazielly Aparecida de Almeida  <https://orcid.org/0000-0003-3559-6476>

### RESUMO

**Introdução:** Analisamos o Programa de Tutoria Social Voluntária desenvolvido na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), entendendo-o como uma ação que visa estimular a Internacionalização em Casa na instituição. De forma semestral, estudantes brasileiros são selecionados via edital pela Assessoria Internacional (ASSIN), para acompanharem alunos estrangeiros em situação de mobilidade. Essa seleção ocorre desde 2017 e tem proporcionado intercâmbios culturais entre os estudantes, além de contribuir para que brasileiros e estrangeiros aprendam mais sobre a cultura e a história de nosso país. **Objetivo:** A partir do exposto, buscamos compreender como o Programa é organizado e quais as ações nas quais estudantes brasileiros e estrangeiros estão envolvidos. **Metodologia:** Acompanhamos algumas das atividades culturais organizadas pela ASSIN, entre 2017 e 2018, entrevistamos representantes do órgão, analisamos os documentos que norteiam a internacionalização na instituição e os editais de seleção do Programa, bem como alocamos a ação em um cenário de esforço nacional que visa o intercâmbio cultural entre brasileiros e estrangeiros. **Resultados/Conclusão:** Nossas considerações acerca desta política ressaltam a importância das atividades de tutoria, sobretudo em um contexto de corte de verbas para a promoção da mobilidade de brasileiros, podendo constituir um forte alicerce para práticas de internacionalização ativa no país.

### PALAVRAS-CHAVE

Internacionalização. Tutoria social. Estudantes estrangeiros. Mobilidade acadêmica. Ensino superior.

## Academic Mobility and Internationalization: UFSJ's experience with the Volunteer Social Tutoring Program

### ABSTRACT

**Introduction:** We analyzed the Voluntary Social Tutoring Program developed at the Federal University of São João del Rei (UFSJ), understanding it as an action that aims to stimulate Internationalization at Home in the institution. Every six months, Brazilian students are selected via public notice by the Office of International Affairs (ASSIN), to escort foreign students in academic mobility. This selection has been taking place since 2017 and has provided cultural exchanges among students, in addition to helping Brazilians and foreigners learn more about the culture and history of our country. **Objective:** From the above, we seek to understand how the Program is organized and what actions Brazilian and foreign students are involved in. **Methodology:** We followed some of the cultural activities organized by ASSIN, between 2017 and 2018, we interviewed representatives of the office, we analyzed the documents that conduct the internationalization in the institution and the Program selection notices, as well as we situated the action in a scenario of national effort that aims at cultural exchange between Brazilians and foreigners. **Results/Conclusion:** Our considerations about this policy highlight the importance of tutoring activities, especially in a context of budget cuts, to promote the mobility of Brazilians, which may constitute a strong foundation for active internationalization practices in the country.

### KEYWORDS

Internationalization. Social tutoring. Foreign students. Academic mobility. Higher education.

## Movilidad Académica e Internacionalización: la experiencia de la UFSJ con el Programa de Tutoría Social Voluntaria

### RESUMEN

**Introducción:** Analizamos el Programa de Tutoría Social Voluntaria desarrollado en la Universidad Federal de São João del Rei (UFSJ), entendiéndolo como una acción que pretende estimular la Internacionalización en Casa en la institución. Cada semestre, estudiantes brasileños son seleccionados a través de convocatoria pública por la Asesoría Internacional (ASSIN), para acompañar a estudiantes extranjeros en situación de movilidad. Esta selección ocurre desde 2017 y ha proporcionado intercambios culturales entre los estudiantes, así como contribuido para que brasileños y extranjeros conozcan más sobre la cultura y la historia de nuestro país. **Objetivo:** Con base en lo anterior, buscamos entender cómo se organiza el Programa y en qué acciones participan los estudiantes brasileños y extranjeros. **Metodología:** Acompañamos algunas de las actividades culturales organizadas por ASSIN entre 2017 y 2018, entrevistamos a representantes del organismo, analizamos los documentos que orientan la internacionalización en la institución y los edictos de selección del Programa, así como asignamos la acción en un escenario de esfuerzo nacional que tiene como objetivo el intercambio cultural entre brasileños y extranjeros. **Resultados/Conclusión:** Nuestras consideraciones sobre esta política destacan la importancia de las actividades de tutoría, especialmente en un contexto de recortes presupuestarios para la promoción de la movilidad de los brasileños, y pueden constituir una base sólida para las prácticas activas de internacionalización en el país.

### PALABRAS CLAVE

Internacionalización. Tutoría social. Estudiantes extranjeros. Movilidad académica. Educación superior.

### CRedit

- **Reconhecimentos:** Não aplicável.
- **Financiamento:** Não aplicável.
- **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- **Aprovação ética:** Não aplicável.
- **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.
- **Contribuições dos autores:** Conceitualização, Investigação, Metodologia, Supervisão, Escrita - rascunho original e Escrita – revisão & edição: Gomides P. A. D.; Análise formal, Administração do projeto, Recursos, Validação, Escrita – revisão & edição: MACEDO, M. S. A. N.; Curadoria de dados, Visualização, Escrita - rascunho original: Almeida G. A.

**Editores de Seção:** Rodrigo Pivetta Werlang, Maria de Lourdes Pinto de Almeida.

## 1 Introdução

O principal objetivo deste artigo é analisar o potencial de ações que buscam a criação de vínculos entre estudantes estrangeiros e brasileiros no ensino superior. Interessamo-nos, especificamente, pelo projeto de Tutoria Social Voluntária, desenvolvido pela Assessoria Internacional (ASSIN) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). O projeto visa selecionar alunos brasileiros, matriculados em diferentes cursos de Graduação da universidade, para recepção e acompanhamento de estudantes estrangeiros nas mais diferentes demandas.

A ASSIN tem buscado a promoção de uma formação que extrapole os conteúdos estritamente acadêmicos, propondo viagens, gincanas culturais e formações em Português como Língua Adicional (PLA). Os tutores, selecionados e designados pela ASSIN, se tornam referência para o acompanhamento dos estrangeiros em demandas correntes e nas viagens promovidas pelo órgão. Observamos como ocorre essa atuação em diferentes oportunidades: em três viagens culturais e em aulas de PLA. Discutimos como essas ações podem potencializar a formação intercultural, a partir de referenciais como Knight (2004; 2011), Miranda e Stallivieri (2017), Mueller (2013), Gusmão (2008; 2009; 2011), e outros.

A Internacionalização em Casa, “colaborando na construção e concretização de processos democráticos justos e igualitários” (MOROSINI, 2019, p. 188), é uma experiência impulsionadora que busca vislumbrar, para além do cumprimento do currículo, o respeito a outras culturas na relação entre os atores sociais na produção do conhecimento. Ainda segundo a autora, mais especificamente sobre a Internacionalização em Casa:

O conceito de Internacionalização em Casa – IaH [do inglês Internationalization at Home] surgiu na década de 1990. Seu criador, Nilsson (2013), tencionava a uma nova estrutura curricular nas Instituições de Educação Superior. Para além de uma formação técnica qualificada, seu objetivo inicial era a formação de cidadãos com mente aberta e respeito a outras culturas, fornecendo experiências multiculturais para todos os estudantes (*Ibidem*).

Em adição, Gonçalves (2009) elenca uma série de atividades que podem ser desenvolvidas de forma extracurricular, a fim de auxiliar a internacionalização dos currículos das universidades. Tais atividades são ações de “Internacionalização em Casa”, tendo em vista que a internacionalização do currículo “é, em suma, uma das mais relevantes dimensões da IaH. Mas há atividades institucionais extracurriculares que são também excelentes oportunidades educativas” (GONÇALVES, 2009, p. 142-143). Essas atividades podem se desenvolver ao longo de:

1. experiências de aprendizagem interculturais e internacionais (e.g., semanas internacionais);
2. debates, exposições e ciclos temáticos multi e interculturais (cinema e outras artes, colóquios, eventos literários...);
3. comunidades de prática e projetos conjuntos entre estudantes nacionais e internacionais;

4. *peertutoring* e serviço voluntário que promova a cooperação entre estudantes nacionais e internacionais;
5. promover o uso das TIC [Tecnologias da Informação e Comunicação] para facilitar a mobilidade virtual;
6. fomentar a aprendizagem de línguas estrangeiras;
7. formação livre sobre outras culturas;
8. formação em comunicação intercultural. (GONÇALVES, 2009, p. 142-143).

Nesta vertente, apresentamos algumas concepções relacionadas propriamente às ações de “Internacionalização em Casa”, considerando que, em face da impossibilidade de proporcionar experiências internacionais a todos os acadêmicos, tais atividades podem atuar de forma satisfatória na formação superior. Além disso, apresentamos entrevistas semiestruturadas realizadas com representantes da Assessoria Internacional, que discutem os objetivos da tutoria, bem como, analisamos documentos oficiais, que orientam as políticas de internacionalização da universidade, como os editais de seleção do programa e o Plano de Desenvolvimento institucional (PDI). As entrevistas e a análise documental têm como foco estabelecer relações entre o sucesso no engajamento dos alunos em diferentes espaços sociais que perpassa pela formação acadêmica e as atividades desenvolvidas pela Assessoria.

O texto está organizado da seguinte maneira: inicialmente abordamos a internacionalização do ensino superior no Brasil, em seguida indicamos nosso percurso metodológico, posteriormente delineamos considerações acerca da política de tutoria social desenvolvida na UFSJ e, finalmente, discutimos os objetivos futuros deste projeto, sob o prisma da pandemia de Covid-19, surto viral que suspendeu as atividades educacionais presenciais, bem como, as viagens internacionais.

## 2 Internacionalização das Universidades Brasileiras: breve percurso histórico

A universidade, instituição de ensino e pesquisa em nível superior, se constitui como um espaço de construção do conhecimento, onde existem trocas de saberes na formação profissional e científica dos sujeitos que ela atende. “Sendo um espaço de culturas, a interculturalidade é uma condição inerente à sua existência, favorecendo o convívio e a integração de diversidades” (OLIVEIRA; FREITAS, 2017, p. 776). Nas últimas décadas a educação superior vem ampliando suas políticas em torno das novas perspectivas de integração, universalização, qualidade e internacionalização.

A internacionalização, tal como se pratica no país, busca não apenas proporcionar experiências a pesquisadores brasileiros no exterior, como também experiências de ensino e aprendizagem a estudantes de outros países em solo brasileiro, contribuindo, assim, para a troca cultural e avanço nas relações internacionais:

A promoção da internacionalização da educação superior, no âmbito governamental, necessita ter um significado estratégico para o país. A abertura das universidades brasileiras para o mundo precisa ser de mão dupla, no sentido de levá-las à modernização e à inovação, a partir da cooperação internacional entre diferentes

países e, conseqüentemente, buscar a promoção do desenvolvimento nacional (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017, p. 591).

Essa ampliação é decorrente da intenção de se oferecer uma formação mais global, uma vez que, hoje, é cada vez mais comum a ideia de que as universidades não estão isoladas de contextos mais amplos, como torres de marfim, conforme já considerou (PATTERSON, 1997). Baumvol e Sarmiento (2016) explicam que, em meio à globalização, as ações de internacionalização no ensino superior não se encontram equilibradas quando comparadas à mobilidade para países desenvolvidos em relação aos países menos desenvolvidos. Por isso, ações no âmbito da IaH podem, em alguma medida, tentar suprir deficiências que dificultam a formação em nível global como anseiam as universidades atualmente.

Distinção pertinente é a que destaca a diferença entre globalização e internacionalização. Miura (2006) esclarece que, apesar de serem comumente utilizados como sinônimos, mesmo estando diretamente relacionados, os dois termos tratam de temáticas distintas. A globalização seria um fator mais abrangente que engloba setores econômicos, sendo a educação, apenas um aspecto influenciado pela globalização. Assim, a internacionalização na educação superior é uma consequência da globalização. Porém, a internacionalização representaria um processo em andamento e não uma definição única e acabada de integração global. [...] “A internacionalização do ensino superior tem ganhado força nas discussões acadêmicas, tendo em vista os impactos da globalização na educação” (MIURA, 2006, p. 02).

Ademais, dando prosseguimento ao percurso dos processos de internacionalização, foi na Idade Média, com a institucionalização das escolas da classe alta, que internacionalizar o saber teve seu início. Muitas pessoas de diferentes regiões do mundo se reuniam nesses espaços em busca de novos conhecimentos. Além disso, as aulas aconteciam em latim e o currículo entre as escolas era semelhante, favorecendo a mobilidade de estudantes. Segundo Silva e Mari (2017, p. 38),

Na Europa, do século XVI, a universidade se caracterizava como um espaço de confronto e diálogo de culturas e experiências; um local de constante troca de conhecimentos e de atividade intelectual. Neste cenário, a mobilidade dos indivíduos era de fundamental importância, pois era a principal estratégia utilizada na propagação das ideias, na realização das descobertas e das inovações.

Com a criação do Estado-nação e o início do processo de nacionalização dos países modernos, a internacionalização do conhecimento e das instituições de ensino superior, mesmo que minimizada, se manteve como um grande fator de consolidação de um novo panorama educacional, econômico, político, cultural e social no mundo. Conforme demonstra Feijó (2013), as ações de internacionalização se intensificaram nas últimas décadas a partir do Processo de Bolonha, iniciado em 1998, na França. O Protocolo de Bolonha foi uma declaração assinada conjuntamente entre a Alemanha, França, Itália e Reino Unido, com vistas a promover “um espaço europeu de educação superior”, também conhecida como Declaração de Sorbonne. Em 1999, mais 29 Estados da Europa assinaram a declaração, inclusive Portugal, estabelecendo metas até o ano de 2010, com vistas à promoção da

mobilidade de estudantes e professores de forma coerente e melhor qualificação destes agentes:

Essa reforma não é imposta aos governos nacionais nem às universidades; a Declaração de Bolonha é um compromisso voluntário de cada país europeu signatário, no sentido de reformar o seu próprio sistema de ensino. O processo surgiu por meio de acordos e projetos e da necessidade e vontade de partir, através de estudos, em busca de novos horizontes, interagindo em outros países que pudessem oferecer novos conhecimentos técnicos e culturais, por meio de intercâmbios. Em um primeiro momento, somente os países da Comunidade Europeia faziam parte desse acordo, mas aos poucos, outros países foram aderindo-o e readequando o seu ensino superior (FEIJÓ, 2013, p. 35).

A internacionalização passa a ser desenvolvida mais sistematicamente, em nosso país, no início do século XX com intercâmbios de estudantes latino-americanos (FEIJÓ, 2013). Na década de 1950, dois importantes órgãos foram criados para desenvolver intentos de crescimento da ciência e da tecnologia em nosso país: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dentre outras colaborações, os órgãos proporcionaram e ainda proporcionam intercâmbios científicos entre pesquisadores de várias partes do mundo, financiando e desenvolvendo a pesquisa nacional na direção de parâmetros que denotem a excelência, principalmente na Pós-Graduação.

As políticas de internacionalização da educação iniciaram-se timidamente, com a prática de intercâmbio de forma esporádica nas primeiras décadas do século XX, com estudantes latino-americanos. No entanto, a formalização de acordos do Brasil com países estrangeiros teve início após a Segunda Guerra Mundial. Durante os anos 1960, esse processo ocorria através de acordos bilaterais para a cooperação científica e tecnológica, nos quais a ampliação dos convênios e do número de estudantes-convênio e o movimento da reforma da universidade brasileira merecem ser destacados (FEIJÓ, 2013, p. 37).

O princípio da internacionalização, “trouxe no seu bojo a formulação de que estava se forjando uma sociedade na qual o conhecimento seria uma força produtiva importante, a mola mestra para o desenvolvimento dos países” (MAUÉS; BASTOS, 2017, p. 334). Portanto, a gênese da criação da universidade moderna carrega uma estrutura institucional que busca de maneira eficiente, alargar a construção do conhecimento para além das fronteiras. A globalização, como principal impulsionador dessa política, está sob o sistema estrutural das instituições, demandando “modificações no tratamento do ensino superior” (MAUÉS; BASTOS, 2017, p. 335).

Assim, as Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, buscando a inserção no mundo globalizado, mediadas pelas políticas nacionais de internacionalização, vêm produzindo diretrizes de valorização das relações interculturais, aproximando a diversidade de povos e culturas. Diante disso, com a criação de programas que oferecem vagas na graduação e pós-graduação para estudantes estrangeiros de diversos países, vemos nos documentos institucionais o estímulo à interculturalidade, objetivando a ampliação “da convivência de diferentes realidades culturais no espaço acadêmico” (OLIVEIRA; FREITAS, 2017, p. 776).

De acordo com o Censo da Educação Superior, em 2018 haviam matriculados cerca de 13.398 estudantes estrangeiros nos cursos de graduação de nosso país. Destes, 45,6% provêm de países localizados no continente americano e 27,3% no continente africano. Isso mostra que estamos estabelecendo, prioritariamente, uma cooperação com países ainda periféricos e subalternizados, em uma escala global, em relação aos países dominantes, do Norte do globo. Para muitos estudantes, advindos de países com menores possibilidades para o estudo, como alguns países africanos, ou mesmo países asiáticos, como o Timor Leste, o Brasil é uma das primeiras opções, já que oferece o ensino gratuito e é um país lusófono, o que, em primeira medida, já facilitaria uma possível adaptação (SANTOS, 2019). Conforme pode ser visualizado no gráfico 1, foi Angola, o país africano que mais proporcionou a vinda de estrangeiros ao Brasil:

**Gráfico 1:** Matrículas de estrangeiros por país de origem



Fonte: adaptação Censo da Educação Superior (BRASIL, 2019, p. 26)

Os estrangeiros que adentram em nosso país, o fazem para receber uma formação em mobilidade de grau. Esse tipo de mobilidade envolve a matrícula integral em cursos brasileiros, diferentemente dos intercâmbios que compreendem um prazo, em média, de seis meses a um ano. Esses estudantes provêm de países africanos, latino-americanos e asiáticos, em sua maioria, vinculados ao Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G) (MACEDO; GOMIDES, 2020). Para tanto, é necessária a comprovação da proficiência em língua portuguesa, o que não os isenta dos desafios oferecidos pelo contato com o português brasileiro nas atividades institucionais correntes, mesmo para os estrangeiros advindos de países lusófonos (MACEDO; BARROSO, 2010). Conforme vemos a seguir, o fato justifica atividades como o projeto de tutoria social voluntária na UFSJ.

No relatório CAPES, que sumariza as ações internacionais da Pós-Graduação no Brasil, a internacionalização é entendida como um processo que deve envolver ensino, pesquisa e extensão, tornando a educação superior mais responsiva às dinâmicas de nossa sociedade, que está cada vez mais globalizada. “É o estágio mais elevado das relações

internacionais entre as universidades. Conceitualmente, podemos dividi-la em dois tipos: a passiva, onde ocorre a mobilidade de docentes e discentes [brasileiros] para o exterior; e a ativa, onde o fluxo é inverso” (BRASIL/CAPES, 2017, p. 06). Autores como Morosini (2019), Morosini e Nascimento (2017), Maués e Bastos (2017), Vergara e Maciel (2017), Santos e Reis (2020) e esse próprio relatório, ressaltam a importância da elevação dos processos internacionais das universidades brasileiras ao nível de internacionalização ativa, aproveitando os benefícios que a recepção de um maior número de estrangeiros em nossas instituições pode proporcionar.

Uma das ações que deveriam pautar as políticas para a internacionalização de nossas instituições é a *Internacionalização em Casa* que, aplicada em um cenário de corte de gastos e impossibilidade de realização de uma mobilidade mais eficiente, poderia atuar na formação internacional, sem implicar, necessariamente, na saída física do Brasil. Diversas ações podem ser desenvolvidas ‘em casa’, conforme relata Gonçalves (2009), como a organização de semanas, debates, cinemas e feiras interculturais, estímulo à cooperação entre estudantes brasileiros e estrangeiros ‘*peertutoring*’, tornar aliadas às tecnologias digitais nas ações de mobilidade, por meio de mobilidade virtual, incentivar que os alunos brasileiros aprendam alguma língua estrangeira e/ou que os estrangeiros aprendam o português brasileiro, entre outras.

Em geral, estudos têm criticado o fato de brasileiros que se dirigiram ao exterior não serem aproveitados, pelas instituições de ensino, para falar de suas experiências em outros países àqueles aos quais essa oportunidade ainda não tenha sido oferecida. É possível encontrar dados acerca da entrada e também da saída do país. Contudo, como, por exemplo, no caso do extinto Programa Ciências sem Fronteiras, apenas saber quantos brasileiros foram enviados ao exterior e quais foram os países aos quais esses estudantes foram enviados não é o suficiente para que afirmações acerca da efetividade de políticas para a internacionalização sejam avaliadas ou aprimoradas. É preciso evidenciar com maiores detalhes quais efeitos, de fato, essas experiências ocasionam nos estudantes e seu entorno, inclusive, criando oportunidades para que eles possam contribuir com as ações *em casa* (MOROSINI, 2019).

Este e outros fatores são comentados por Knight (2011) em *Five Myths about internationalization*, que indica cinco ideias pré-concebidas, mas que precisam ser suficientemente esclarecidas para que as ações de internacionalização da educação superior possam avançar: i) estudantes estrangeiros não devem ser entendidos, *per si*, como agentes de internacionalização. Apenas a inserção de estudantes estrangeiros no ensino superior brasileiro, não garante trocas interculturais nas instituições; ii) internacionalização não significa aumento real nos indicadores de qualidade das IES, podendo, esses índices, encobrir reduções em outros indicadores importantes para o desenvolvimento delas; iii) quantidades exorbitantes de acordos internacionais firmados não significa prestígio e qualidade, o ideal é que a instituição apenas firme acordos que consiga administrar; iv) credenciamento em agências que certificam qualidade também não atestam a presença desta; e v) a internacionalização é insuficiente para garantir o reconhecimento da IES em um contexto global, tal reconhecimento não pode ser o objetivo final das ações.

Internacionalizar a universidade tem sido um dos principais objetivos, em relação ao desenvolvimento da educação superior em nosso país. “Via de regra, ela [a internacionalização] está relacionada à qualidade, à excelência, à inovação, ao conhecimento e a outros diferentes temas, destacando-se, na grande parte das vezes, a contribuição positiva dessa presença” (MOROSINI; NASCIMENTO, 2017, p. 02). Acreditamos que as instituições de ensino superior devem focar na solidariedade e na interculturalidade, uma vez que são fatores precursores para um desenvolvimento que compete para o avanço da sociedade que queremos. Portanto, a mobilidade internacional, quando gerida de maneira consciente, produz um movimento de dar as mãos para o novo, o eficiente e o justo.

A educação superior brasileira veio se apropriando da importância que a internacionalização pela mobilidade acadêmica exerce para os avanços da sociedade do conhecimento e para o século XXI, visto que a compreensão de diferentes contextos pode potencializar uma formação mais ampla, dotada de competência holística, reflexiva e crítica sobre o campo ao qual se está apropriando (SANTOS; REIS, 2020, p. 22).

Para Luce *et al* (2016), apesar de não ser o único aspecto da internacionalização nas universidades, a mobilidade, que é a saída física de estudantes ou professores do Brasil para o exterior, ou vice e versa, ainda é o aspecto mais notável das ações em nosso país. Provavelmente, isso ocorre porque são nas ações de entrada e saída que se percebe os efeitos da internacionalização de uma forma mais latente e concreta. Porém, não basta que sejam enviados estudantes ou que seja possível receber estudantes estrangeiros, sem que, para isso, se tenha políticas que os orientem. “A mobilidade ajuda no processo, mas a longo prazo e, por esta razão, é importante ter claro os objetivos nacionais que se deseja alcançar [...] para que se possa definir, inclusive em nível institucional, seus critérios de qualidade” (LUCE *et al*, 2016, p. 321-322).

Os dados destacados acima mostram que nosso país tem atuado de forma passiva em relação à internacionalização, recebendo um grande número de estudantes, enquanto as oportunidades para o envio de brasileiros para o exterior são escassas. O número de bolsas distribuídas pelo Ciência sem Fronteiras entre 2011 e 2015, é considerado pequeno, já que, foram cerca de 73 mil distribuídas, não atingindo 1% do total dos estudantes matriculados em 2013. Por isso, as ações ‘em casa’ seriam satisfatórias para suprir essa lacuna deixada pela impossibilidade de se proporcionar essa experiência de forma ampla aos acadêmicos (BAUMVOL; SARMENTO, 2016).

Entendemos que a Tutoria Social Voluntária pode ser considerada como uma ação de promoção da Internacionalização em Casa, na UFSJ. No “Guia para a internacionalização universitária”, organizado por Marília Morosini (2019), foi elaborado um eixo para compreensão do modelo de Internacionalização em Casa. Este, apresentado como uma estratégia das instituições na busca por uma internacionalização mais completa, igualitária e justa, é um fator que acelera as atividades institucionais no âmbito intercultural e internacional, sendo capaz de fortalecer o currículo da universidade e as ações em casa.

Portanto, perspectivas como a IaH contribuem no processo de democratização da internalização, visto que se faz necessário uma apropriação e envolvimento de todos atores da comunidade acadêmica em seu processo (DOMENCH et al., 2014) e busca-se o desenvolvimento de competências internacionais e interculturais dentro de casa (MOROSINI, 2019, p. 190).

Acreditamos que a Internacionalização em Casa seja um dos ideais de muitas universidades com perfil similar à UFSJ, ou seja, que não dispõem de recursos financeiros para enviar estudantes para instituições estrangeiras com frequência. Acreditamos que situações interativas como essas proporcionadas pela Tutoria Social Voluntária, relatada neste artigo, podem inspirar novas estratégias para a intensificação da internacionalização no Ensino Superior, sobretudo, em face das limitações financeiras tão frequentes.

### 3 Práticas de Letramento Acadêmico no contexto da Internacionalização

Para a investigação acerca do impacto da forma como as práticas de Internacionalização em Casa favorecem a troca intercultural entre estudantes brasileiros e estrangeiros, ancorando-nos na perspectiva de Letramentos Acadêmicos (LEA; STREET, 1998) que considera leitura e escrita no ensino superior como práticas sociais, situadas em relações de poder e fortemente relacionadas às identidades de seus produtores (STREET, 2010). Nessa acepção, identificamos práticas e eventos de letramento, em situações provocadas pelo projeto de Tutoria Social Voluntária, mediado pela ASSIM-UFSJ-, considerando diferentes oportunidades de socialização: viagens culturais, gincanas e atendimento aos alunos estrangeiros durante as aulas de PLA.

Compreendemos ‘práticas de letramento’ como ações situadas em contextos históricos e sociais específicos, nas quais a relação com o letramento não só é observável, como também nos permite entender como as pessoas agem e reagem, atribuindo sentidos ao letramento (BARTON; HAMILTON, 1998). Por sua vez, os eventos contribuem no entendimento das práticas, podendo se constituir por meio de rotinas sequenciadas (*ibidem*) ou mesmo figurar, conforme Heath (1982, p. 50, tradução nossa) em “[...] qualquer ocasião em que um texto escrito faça parte da natureza das interações dos participantes e de seus processos interpretativos”. No aspecto histórico-cultural, as culturas e o tempo histórico apresentam concepções distintas sobre os usos da língua escrita, em face das diferentes filosofias presentes nas relações sociais emaranhadas na vivência dos sujeitos na sociedade. Os chamados ‘Novos Estudos do Letramento’ (LEA; STREET, 2014) apontam uma ideia de transformação e ruptura com o discurso dominante sobre a escrita acadêmica.

De acordo com Lea e Street (2014), a abordagem da escrita e do letramento é dividida em três modelos: o primeiro configura letramento como uma habilidade cognitiva e individual, dado que pressupõe a transmissão do conhecimento de um contexto para outro; o segundo evidencia uma socialização acadêmica, na qual os estudantes entendem e dominam as regras básicas de um discurso e as reproduzem; e o terceiro, proposto por Lea e Street (1998), em face dos outros dois evidenciados, leva em consideração as relações de poder,

instituições e identidades sociais no ambiente acadêmico.

Ademais, traçamos um panorama sobre a tutoria social voluntária para os estrangeiros que ingressam na UFSJ e apresentamos as atividades desenvolvidas no processo de aquisição de conhecimento sobre a região onde esses estudantes vão viver durante sua estadia no Brasil. Entendemos que muito além da leitura e escrita nos processos de letramento acadêmico, existem outras práticas envolvidas na construção da identidade desses sujeitos. Portanto, o modelo de Letramentos Acadêmicos, apesar de não se contrapor aos modelos evidenciados [modelo de habilidades e modelo de socialização], apresenta uma preocupação mais central sobre os aspectos sociais, como as relações de poder, as identidades e a produção de sentidos no uso de práticas decorrentes de outros contextos, avançando os conhecimentos produzidos pela teoria (LEA; STREET, 1998).

A perspectiva reconhece a importância do domínio das habilidades de leitura e escrita características do contexto da academia, porém reforça os múltiplos letramentos que transitam na esfera universitária como práticas sociais. Assume-se que os diferentes letramentos a serem produzidos na universidade são afetados por fatores como as disciplinas nas quais foram desenvolvidos, os gêneros dos quais as produções derivam e, também, a relação mútua na tutoria voluntária, que engloba diversas práticas. Por isso, as práticas decorrentes desta perspectiva não podem ser tratadas de forma homogênea no âmbito institucional.

Assim, pensando na relação dos estrangeiros com o contexto acadêmico, vemos práticas de letramento acadêmico que são determinadas apenas pela leitura e escrita, mas pelo contexto no qual se desenvolvem. Devemos analisar o impacto dos efeitos das práticas sociais de leitura e escrita na vida em sociedade, considerando sempre as condições nas quais essas práticas se desenvolvem. Desta maneira, envolve-se os diferentes usos da leitura e da escrita, a forma como elas são utilizadas, quem as utiliza, para quê, dentre outros fatores. Esses elementos são indispensáveis para a interpretação da interação entre os eventos e as práticas de letramento (SOARES, 2002).

No contexto da internacionalização, as práticas de letramento acadêmico, que possibilitam maior interação entre a ASSIN, estudantes estrangeiros e brasileiros, podem ser de fundamental importância para alavancar as políticas internacionais, uma vez que há grande aprendizado entre ambos, e há um desenvolvimento significativo na instituição, tornando-a mais integrada e dinâmica.

#### 4 Acompanhamento das atividades de Tutoria Social: um percurso metodológico

Abordamos os instrumentos utilizados para o levantamento dos dados discutidos. Tais dados derivam de um recorte de pesquisa (SANTOS, 2019). Nossas intenções, no trabalho original, se pautaram no entendimento das estratégias de letramentos acadêmicos

desenvolvidas pelos estudantes estrangeiros vinculados à universidade. A investigação original se desenvolveu, prioritariamente, por meio de 14 entrevistas semiestruturadas com estudantes de nove diferentes nacionalidades. Contudo, outros dados foram levantados como o acompanhamento das atividades mediadas pela ASSIN com os estudantes estrangeiros vinculados à instituição entre 2017 e 2018 e entrevistas com os representantes do órgão. Destacamos que outros textos já foram publicados a partir de nosso trabalho inicial: Macedo e Gomides (2020) e Macedo e Gomides (2021).

Consideramos neste artigo as ações de Tutoria Social Voluntária como práticas sociais de letramentos acadêmicos, desenvolvidas pelo órgão responsável por fomentar a internacionalização na universidade que buscam, em sua grande maioria, estimular a troca de conhecimentos entre estrangeiros e brasileiros. Temos como hipótese que tal fato pode favorecer ações de Internacionalização em Casa, bem como o estabelecimento de relações internacionais horizontalizadas. Reunimos entrevistas realizadas com representantes da assessoria internacional, anotações de diários de campo, gravações em áudio de aulas e reuniões entre a assessoria, estudantes estrangeiros e brasileiros, além de documentos da própria universidade que visam orientar essas ações.

Um fato que facilitou o acompanhamento das atividades foi a oportunidade de participarmos também, do projeto de tutoria social, acompanhando uma aluna de Pós-Graduação norte-americana, a única desta nacionalidade vinculada à universidade à época. Além das aulas e contato com os estudantes via grupo de *WhatsApp*, criado para estabelecer um maior contato entre tutores e estrangeiros, acompanhamos também duas viagens à cidade de Ouro Preto (MG) e uma viagem à Tiradentes (MG), essas cidades fazem parte do circuito cultural definido pela ASSIN. As entrevistas ocorreram na sede da Assessoria Internacional e também pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, mais recentemente, com a pandemia de Covid-19.

Acerca da análise documental, tivemos como principal objetivo compreender quais são as intenções da instituição em relação ao desenvolvimento das ações de internacionalização, por meio de seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), um documento basilar, que traça estratégias para a ação institucional a cada quatro anos, estabelecendo um diagnóstico da situação atual e definindo metas para o futuro, além de acompanhar os editais de seleção para a tutoria social voluntária, que ocorrem mais sistematicamente desde o ano de 2017. A seguir, apresentamos nossas análises dos documentos e das experiências vivenciadas.

## 5 Tutoria Social Voluntária na UFSJ: documentos e experiências

A universidade recebeu, entre 2016 e 2019, uma média anual de 40 estudantes estrangeiros (UFSJ em números, 2019). Conforme aponta a representante da assessoria internacional, a internacionalização da universidade ainda se desenvolve de uma forma

tímida, face à sua adesão tardia a convênios com instituições estrangeiras e parcerias de financiamento internacional. Contudo, é possível encontrar um determinado fluxo de estrangeiros na instituição, que é contínuo, em decorrência das diferentes modalidades nas quais os intercâmbios podem ocorrer (seis meses, um ano, quatro ou cinco anos, estes últimos a depender da duração dos cursos em mobilidade de grau). Apuramos em Macedo e Gomides (2020) que no ano de 2017, entre outubro e dezembro, passaram pela instituição cerca de 28 estrangeiros, em sua maioria, vinculados a cursos de graduação, em mobilidade de grau e provenientes do PEC-G (cerca de 43%).

A UFSJ iniciou suas atividades em 1987 como Fundação de Ensino Superior, transformando-se em universidade em 2002. Relativamente jovem, a instituição passou a receber estudantes internacionais em 2004 e, em 2007, sua política de recepção de internacionais foi reformulada. As ações para a tutoria social voluntária foram iniciadas em 2017, advindas da necessidade de um acompanhamento mais estreito dos estudantes estrangeiros. Ao mesmo tempo, a iniciativa busca fomentar ações de Internacionalização em Casa, promovendo o contato e as experiências entre brasileiros e estrangeiros dentro e fora da universidade.

As seleções para a tutoria social foram iniciadas em 2017 e são realizadas pela ASSIN, que determina o número de vagas conforme as necessidades de cada ano a respeito da recepção. Em 2017 foram ofertadas 50 vagas, em 2018, 20 vagas, em 2019, 10 vagas e em 2020, 15 vagas. Em média, 24 vagas são abertas a cada ano. A seleção consiste na inscrição, envio e análise documental e entrevista. O coeficiente de rendimento no curso dos estudantes é levado em consideração, bem como participações em anos anteriores. As atividades requeridas pelo edital de 2020 são descritas a seguir:

- a) auxiliar na recepção dos alunos estrangeiros em suas chegadas ao Brasil e na UFSJ;
- b) participar da Semana de Orientação e Gincana de boas-vindas;
- c) auxiliar os alunos estrangeiros em sua adaptação ao Brasil e à cidade;
- d) auxiliar o aluno estrangeiro no entendimento sobre as diferentes culturas do Brasil;
- e) Auxiliar na integração e socialização na comunidade interna;
- f) estar disponível para auxiliar o aluno estrangeiro durante todo semestre, em sistema de revezamento com outros tutores(as) sociais (para resolver questões burocráticas, médicas, acadêmico-culturais e outras demandas que surgirem no decorrer do período);
- g) participar, a convite da ASSIN, de atividades culturais juntamente com os alunos estrangeiros (visitas, viagens, etc) (UFSJ, 2020).

É possível compreender, com base na leitura das funções do tutor social voluntário, que o estudante selecionado é entendido pela ASSIN como uma espécie de ‘embaixador’, para o estrangeiro na instituição. O tutor social torna-se alguém com quem o tutorado pode contar para lhe apresentar e lhe auxiliar na socialização acadêmica, inserindo-o em práticas de letramentos acadêmicos definidas pela universidade e demais práticas sociais relativas à sua permanência no Brasil. Ações como essa significam, ao mesmo tempo, uma intenção de amadurecimento da instituição acerca de sua internacionalização e uma preocupação com a estadia desses alunos, tendo em vista a impossibilidade de a ASSIN, sozinha, se encarregar de

todas essas funções, o que é destacado no trecho abaixo:

*Então, a ideia quando a gente começou a selecionar esses alunos para ajudar a gente é porque a assessoria é muito pequena [...] é muito pouca gente para fazer todo esse tipo de auxílio que eles precisam, então a gente selecionou alguns alunos, isso bem no início, para ajudar a gente nas coisas mais básicas que é a questão de tirar um CPF, de conhecer a cidade, de ajudar a receptionar. Só que depois a gente viu que dava certo essa ideia, que não só nessa ajuda básica [...] **porque eles estão falando com gente que é igual eles, são estudantes, com faixa etária parecida, esse tipo de coisa. Então a gente falou assim: por que não apresentar eles como se fossem os primeiros amigos deles aqui no Brasil desde o início? Ou seja, a pessoa chegou na rodoviária ou no aeroporto, aí a gente já ia lá e já apresentava aquele tutor e tudo mais [...] e depois a gente começou a inserir também essas atividades extracurriculares, as viagens, passeios, visita ao planetário, alguns outros tipos de visita, aí, saiu essa ideia do projeto onde está hoje. Igual a gente fala, a gente está lá, mais preocupado com a parte burocrática, os contatos e às vezes eles não enxergam a gente como uma pessoa que pode perguntar alguma coisa mais pessoal [...]** (ENTREVISTA REPRESENTANTE ASSIN, 2020, negrito nosso).*

Quando a representante da ASSIN afirma que apresentar uma pessoa parecida com os estudantes estrangeiros significa apresentar os primeiros amigos deles, entendemos que o intuito é tornar a adaptação dos estrangeiros mais prática sob a tutela de alguém que pode ter uma relação afetiva e confiável. Isso, de fato, é uma alternativa que possibilita maior interação, além de facilitar muitos percursos que a assessoria teria dificuldade, devido à baixa quantidade de pessoas trabalhando no setor.

Conforme relata em entrevista, a coordenadora da Assessoria Internacional, anteriormente, a internacionalização era entendida internamente na instituição como uma ação resultante da mobilidade de discentes e docentes. As políticas para o fomento da internacionalização emanadas em 2004 e 2007 refletiam esse entendimento. A partir de 2013, foi proposto um conceito que apresenta ações mais ativas de internacionalização, contrapondo-se às práticas de internacionalização passiva, cunhadas até então. A assessora considera que é necessário desenvolver ações de Internacionalização em Casa, aproveitando as experiências internacionais presentes na instituição ou mesmo interações promovidas de forma *online*, que não impliquem, necessariamente, na mobilidade física de seus agentes.

*Então você trabalhando esse processo de Internacionalização em Casa, você trazendo o estrangeiro pra cá, você criando condições institucionais para receber esse estrangeiro, trabalhando a internacionalização, no âmbito dos currículos dos cursos, com conteúdos que sejam de interesse internacional, sobre diversidade, multiculturalismo, a situação dos refugiados, direitos humanos, trabalhar esses conteúdos, você dá uma formação muito mais holística pra aquele aluno que está sendo formado, você tá formando cidadãos que vão atuar no mundo global e não naquele mundinho fechado na cidade (ENTREVISTA ASSESSORA INTERNACIONAL, 2018).*

Corroborando com a fala da assessora, no mais recente Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2019-2023 da instituição, a internacionalização foi eleita como uma das áreas prioritárias, que deve ser orientada por meio dos três eixos a seguir: “conteúdos curriculares internacionais; mobilidade estudantil, de docentes e de técnicos administrativos; engajamento em programas de assistência técnica e educacional com instituições

estrangeiras” (UFSJ, 2019, p. 104). Nesta acepção, estão descritas no quadro 1 as ações e os indicadores que podem contribuir para que este objetivo seja alcançado:

**Quadro 1:** objetivo 63 do PDI da UFSJ "Promover a Internacionalização dos cursos de Graduação, dos Programas de Graduação e da Extensão”

Ações	Indicadores
Contribuição para a excelência acadêmica dos programas institucionais com a incorporação da dimensão internacional aos cursos e programas.	Número de oportunidades de mobilidade internacionais ofertadas aos discentes e servidores.
Contribuição para a melhoria da formação do profissional global por meio da internacionalização do currículo e incorporação curricular da experiência internacional e de conteúdos de interesse global.	Número de projetos pedagógicos de curso com previsão de aproveitamento da experiência acadêmica internacional pelos discentes. Número de disciplinas e cursos ofertados em língua estrangeira ou com conteúdo de interesse global na UFSJ, na modalidade educação presencial ou a distância.
Incorporação de ferramentas do Ensino a Distância e da aprendizagem virtual para promoção da internacionalização.	Número de professores visitantes estrangeiros nos cursos de graduação e pós-graduação
Valorização da Educação Transnacional, que incorpora modelos, experiências, línguas e culturas de diferentes comunidades internacionais.	Número de dispositivos criados para o ingresso de discentes estrangeiros nos cursos de graduação e pós-graduação. Número de docentes e discentes inseridos de redes internacionais de pesquisa. Número de parcerias internacionais ativas.

Fonte: PDI UFSJ (2019-2023) (2019, p. 97)

No quadro 1, vemos que os objetivos definidos pela instituição para desenvolver o plano de internacionalização de maneira eficaz apresentam ações que possibilitam a excelência acadêmica, bem como o investimento na formação dos profissionais e na estruturação de um currículo adequado para o ensino/aprendizagem. Ademais, busca-se uma valorização da educação transnacional aberta às diferentes experiências, línguas e culturas dos estudantes.

Já os indicadores se resumem: na quantidade de oportunidades que possibilitam uma maior mobilidade acadêmica de discentes e servidores; nos projetos pedagógicos elaborados por universitários que apresentam a experiência internacional dos estudantes; nos cursos de língua estrangeira oferecidos; na presença de docentes estrangeiros na graduação e pós-graduação; na criação de mecanismos para o ingresso de estudantes estrangeiros; e nas parcerias internacionais de docentes e discentes.

A política linguística é mencionada, sem que alguma língua, além do português, seja ressaltada especificamente, como mostramos em Macedo e Santos (2020). Nos documentos emanados pela CAPES é comum o inglês ser mencionado como língua preferida a ser desenvolvida em experiências internacionais. No caso da UFSJ, o PLA deve ser estimulado, principalmente pela atratividade de estudantes em mobilidade de grau, advindos de países africanos, latino-americanos e asiáticos, fomentados, principalmente, pelo PEC-G. No primeiro item do objetivo 64 sobre a política linguística a “promoção e valorização do uso de línguas estrangeiras” (UFSJ, 2019, p. 97) é ressaltado, sem citar especificamente alguma língua.

Durante nossa pesquisa, realizada entre 2017 e 2019, acompanhamos algumas atividades da ASSIN e dos tutores sociais em diversas oportunidades. Estivemos em duas viagens a Ouro Preto (MG) e Tiradentes (MG), organizadas pela assessoria, com o objetivo de ensinar um pouco aos estudantes estrangeiros sobre a cultura e a história do Brasil. Nas oportunidades, foram disponibilizadas vagas nos assentos do ônibus, para os estudantes estrangeiros e seus tutores sociais que, em grupo, em direção às cidades, visando conhecer museus, monumentos históricos, grutas ou minas (como no caso de Ouro Preto, na Mina do Chico Rei), cachaçarias, dentre outros itinerários com o objetivo de contar um pouco sobre a história de nosso país. Contudo, antes mesmo das visitas, denominadas pela assessoria de ‘viagens culturais’, esses estudantes são apresentados, previamente a esses locais, por meio de aulas expositivas.

Observamos, antes da viagem a cidade de Tiradentes MG, o trabalho de uma das tutoras sociais, graduanda em História na universidade, ao apresentar os elementos a serem descortinados na viagem que se aproximava. Durante cerca de uma hora, em uma das aulas de PLA, essa aluna apresentou slides com fotos de Tiradentes, falando de dados sobre a cidade como a origem do nome, a importância da Inconfidência Mineira para o país, a origem do Largo das Forras, a escravidão e a abolição da escravatura. Também foram apresentados os locais que seriam visitados pelos estudantes, como o Museu Padre Toledo, uma cachaçaria da região e também a ‘casa torta’, um famoso monumento no distrito de Bichinho. Os estudantes ficaram curiosos e animados ao serem apresentados aos locais que seriam visitados, tendo a oportunidade prévia de realizar alguns questionamentos.

Outra atividade recorrente é a ‘gincana cultural’. Essa é uma prática de letramento que tem sido avaliada pela assessoria internacional como uma experiência muito positiva, uma vez que ela estimula o contato entre os estrangeiros e os brasileiros, além de proporcionar aos próprios estudantes brasileiros, oportunidades de aquisição de novos conhecimentos. A passagem abaixo demonstra como as atividades de tutoria social podem se envolver com diferentes práticas sociais, mas sempre tendo em vista maior adaptação à cidade e também ao contexto universitário. Vários letramentos estão envolvidos nas atividades, desde a construção de estratégias para melhor lidar com as demandas universitárias, até aprender “a se virar sozinho”, comer em um restaurante popular ou aprender a se deslocar nas linhas de ônibus municipais.

*[...] a gente criou uma gincana cultural, então a gente divide os alunos em grupos e a gente dá umas atividades, então eles tem que ir por exemplo no Memorial Tancredo Neves e saber porque que o nome da avenida principal da cidade é avenida Tancredo Neves, a gente pede pra eles, que eles vão no museu regional e eles tem que descobrir quando foi o ano da abolição da escravatura no Brasil e a gente, cada gincana a gente cria tarefas que os obriguem a ir nos nossos pontos turísticos, a irem comer no restaurante popular porque é uma opção que eles têm se eles tiverem aqui, a gente obriga eles a pegarem ônibus daqui pros outros campi e para alguns locais, pra eles aprenderem a pegar ônibus, mas eles fazem isso sempre acompanhados dos tutores sociais. Então os tutores que participam da gincana quando eles dão o depoimento é uma coisa super interessante porque eles falam que eles aprenderam tanto quanto os alunos estrangeiros, que são alunos brasileiros que chegam na universidade e eles não conhecem a nossa cultura local, eles não conhecem esses lugares e eles acabam aprendendo junto com os alunos*

*estrangeiros todas essas coisas. Então, a cada ano que passa, essa orientação dos alunos passa a ser uma coisa mais dinâmica, envolvendo mais aspectos e a gente tem recebido um feedback ótimo dos alunos sobre isso porque eles realmente se entrosam, se socializam na cidade (ENTREVISTA ASSESSORA INTERNACIONAL, 2018).*

Essas atividades, conforme destaca a entrevista realizada com um outro membro da assessoria, faz com que esses estudantes se tornem mais autônomos, em suas demandas cotidianas. Em Santos (2019) evidenciamos que os estudantes são selecionados para os cursos no Brasil, mas, em sua maioria, adentram em nosso país sem conhecê-lo, de fato. Muitos estudantes afirmaram conhecer apenas as universidades mais famosas, localizadas nas capitais de Minas Gerais, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), São Paulo, como a Universidade de São Paulo (USP) ou Rio de Janeiro, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Outros estudantes não conheciam, sequer, o próprio Estado no qual a UFSJ se situa. Então, todas essas atividades auxiliam nesse ‘descobrimento’, não apenas do ponto de vista acadêmico, mas também do Brasil, enquanto um país diverso e multicultural:

*A ideia dessas gincanas, basicamente é isso, quanto mais eles podem pegar informação pra eles melhor. Porque eles chegam aqui muito cru, quando o aluno vem pra cá, são exemplos que a gente tem, eles falam: “ah você tá em São João del Rei, mas eu queria ir para Foz do Iguaçu, é perto?” Então assim, eles não têm uma noção espacial de onde que eles estão, do tamanho do Brasil, então o conjunto das aulas com essas atividades também, eles têm uma noção melhor de onde que eles estão e como fazer para ir nesses lugares (ENTREVISTA REPRESENTANTE ASSIN, 2020).*

A partir dos quadros 2 e 3, que sistematizaram as informações passadas a nós pela ASSIN, vemos que são duas as gincanas organizadas pelo órgão: a gincana de boas-vindas, ocorrida a cada semestre e que busca um contato inicial entre tutores, estrangeiros e a própria assessoria, tendo em vista a apresentação da cidade, em um contexto histórico-cultural, e as gincanas que ocorrem nas viagens culturais. Essas últimas, são mediadas pela assessoria, voltando-se a objetivos mais específicos, de acordo com a viagem e com a cidade para a qual os estudantes são levados.

#### Quadro 2: Gincanas organizadas pela ASSIN

Gincana de Boas Vindas	Gincanas nas Viagens
Tem como principal objetivo conhecer a cidade, os alunos são divididos em duas equipes (equipe verde e amarela), com uma mistura de nacionalidades e convênios de cooperação, os tutores são incluídos. Os alunos devem conhecer determinados locais da cidade, estipulados previamente pela assessoria e realizar entrevistas com algumas pessoas da cidade, como, por exemplo, um sineiro. Outra atividade pode ser tirar uma foto em determinado ponto turístico, essas atividades devem ser postadas em uma rede social e, ao final os alunos devem apresentar suas impressões em português. A equipe que obtiver mais pontos recebe algum prêmio como vales açáís e ao final há um encerramento coletivo em um rodízio, por exemplo.	Ocorre durante determinadas atividades delimitadas pela assessoria, como, por exemplo, atender a algumas solicitações em meio a uma viagem. Em uma das oportunidades na qual os estrangeiros visitaram a cidade de Ouro Preto, lhes foi solicitado que eles visitassem a feira de pedra sabão e dissessem o que era essa feira, por exemplo. Ao final do passeio os grupos se reúnem e apresentam o que aprenderam com essas demandas.

Fonte: dados da Pesquisa

Entendemos que as atividades de tutoria social têm se desenvolvido de forma satisfatória para a instituição e atraindo mais interessados a cada ano. Esses alunos auxiliam a ASSIN em questões burocráticas e faz com que estudantes brasileiros se tornem referência para os alunos estrangeiros, promovendo também, experiências de Internacionalização em Casa, já que pode fomentar oportunidades de aprendizado mútuo. Para universidades como a UFSJ, mais recentes e com orçamentos curtos, a promoção de ações de Internacionalização em Casa, como essa, pode ser essencial para apoiar as limitações financeiras para a mobilidade, e também para cumprir com as exigências de agências de fomento como a CAPES, por exemplo. Apresentamos o quadro 3 com todas as viagens culturais desenvolvidas pela ASSIN no ano de 2018, considerando os destinos e as principais atividades desenvolvidas:

**Quadro 3:** Viagens culturais desenvolvidas pela ASSIN em 2018

Destinos	Atividades
Tiradentes e Bichinho	Museu, igreja, cachaçaria amazona mineira (mais moderno)
Coroas e Rezende Costa	Cachaçaria (mais rústica, artesanal), lages e artesanato de tear, almoço em restaurante churrasco típico brasileiro
Mariana e Ouro Preto	Viagem de trem, museu (Casa dos Contos ou da Independência), feira de Pedra Sabão e alguma mina. Inserir um guia para fazer a gincana
Inhotim	Museu de arte contemporânea
Carrancas	Cachoeira
Belo Horizonte	Conhecer a capital de Minas
São João del Rei	Museu do montanhismo, sinos, planetário, travessia da Serra de São José.

Fonte: dados da pesquisa

Acreditamos que essas atividades, promovidas com a finalidade de proporcionar experiências de aprendizado sobre a região onde os estudantes estrangeiros vão viver durante sua formação, podem ser consideradas práticas de letramento acadêmico no contexto da internacionalização. Além disso, não podemos desconsiderar as aulas de PLA e o próprio auxílio oferecido pelos tutores sociais, que se tornam verdadeiros guias para esses estrangeiros, ao longo de sua formação na universidade. Tais práticas sociais proporcionam não apenas que os estudantes tenham experiências acadêmicas na UFSJ, mas também que eles se desenvolvam interculturalmente, atuando também como agentes de internacionalização. Cabe salientar que as atividades descritas neste artigo foram paralisadas em decorrência da pandemia de Covid-19, conforme apresentamos a seguir, juntamente a uma análise acerca de novas perspectivas para projetos como esse na instituição.

## 6 Tutoria Social Voluntária: desafios e possibilidades

Trazemos um balanço das impressões da ASSIN sobre o projeto em tela. Questionamos, no momento da escrita deste texto, como a UFSJ lidou com a pandemia de Covid-19, no que tange à recepção de estrangeiros no Brasil e, especificamente, às ações de tutoria social voluntária. Conforme aponta um dos representantes da ASSIN, entrevistado em novembro de 2020, com a pandemia praticamente todos os estudantes vinculados à instituição retornaram aos seus países. Esse retorno ocorre em um momento no qual o projeto de tutoria

voluntária estava sendo expandido, por meio de estratégias que visavam a progressão da atuação dos estudantes brasileiros e destinação de bolsas aos tutores (até o momento, as atividades de tutoria ocorriam sem a percepção de nenhuma remuneração).

Verificamos que a principal preocupação do órgão foi garantir a segurança dos estrangeiros que ainda permaneceram no país sob a tutela institucional e a manutenção do acompanhamento, durante o ensino remoto. A crise vivida atualmente sensibilizou os profissionais da ASSIN na direção de se preparar positivamente para essa e outras possíveis crises. Por essa razão, uma cartilha emergencial foi elaborada, juntamente aos tutores sociais, que também se disponibilizaram para atuar, não apenas nas atividades que já ocorriam, mas também em acompanhamentos médicos e outras situações emergenciais que envolveram os estrangeiros. Para esse acompanhamento mais efetivo, a bolsa, em título de compensação financeira, é fundamental.

Outra ambição da ASSIN, para um futuro pós-pandemia, é incluir, mais efetivamente, os estudantes estrangeiros nos projetos de extensão da universidade, favorecendo o desenvolvimento de atividades mais relacionadas aos cursos e aumentando o engajamento destes com a comunidade acadêmica brasileira.

*A gente teve um tempinho para pensar melhor nas ações [...] então quando tudo normalizar, a ideia é que a gente tenha uma base melhor para trabalhar nesse sistema de tutoria e a outra coisa que ficou evidente também é que a gente precisa fazer, não só como um sistema de tutoria, mas como um todo, uma cartilha preventiva e nisso [...] os tutores poderiam entrar no caso de sinistros como esses assim, pandemia, alguma coisa mais séria. Então a gente está trabalhando num projeto também, tipo uma cartilha emergencial [...] então estaria tudo ligado a esses pontos, seria a parte cultural do negócio, a parte cultural, a parte acadêmica, a parte de recepção dos alunos, quando eles chegam, a gincana de boas-vindas [...] e também a gente queria aproveitar para adicionar essas coisas mais sérias também, por exemplo acompanhamento médico dos alunos estrangeiros, em caso de situação grave, como foi o caso da pandemia, cada um ter sua função, não só de acompanhar o aluno e não aquele acompanhamento voluntário, mas alguma coisa mais próxima. Por isso a gente optou por tentar fazer isso oferecendo a bolsa para eles (ENTREVISTA REPRESENTANTE ASSIN, 2020).*

Portanto, para firmar os ideais do plano de internacionalização da universidade, sobretudo a busca por melhorar a tutoria social e o envolvimento dos estudantes com os estrangeiros, é imprescindível um projeto que sustente e fortaleça o laço das agências financiadoras com os estudantes de tutoria. Muito além do interesse voluntário, existe também um trabalho que precisa ser valorizado, uma vez que se trata de relações sociais que precisam estar em sintonia com o ensino/aprendizagem de todos os envolvidos na construção do conhecimento.

## Considerações Finais

Ao pensar na tutoria voluntária como uma ação indispensável para a efetiva internacionalização, sobretudo a IaH, devemos nos ater às políticas e aos financiamentos

voltados para os estudantes que se inscrevem no processo seletivo da tutoria. Esses estudantes, sabendo que são em grande parte, sujeitos que estão envolvidos constantemente nos trabalhos acadêmicos, são pessoas que precisam de incentivo e valorização, uma vez que buscam uma formação significativa. Por esse motivo, a valorização desses estudantes na importante função desenvolvida é fundamental com certificação e compensação financeira, em título de bolsa, tal como a ASSIN se empenhando.

Diante o exposto, acreditamos na internacionalização como ação impulsionadora do desenvolvimento econômico, social, político e cultural da sociedade. A internacionalização deve se desenvolver a partir de valores humanistas, com vistas a desenvolver multiculturalmente todos os envolvidos no processo (estudantes brasileiros e estrangeiros). Todavia, cremos que ainda há muitos caminhos a serem percorridos, tendo em vista o avanço dos planos de desenvolvimento institucionais, não apenas da UFSJ, mas também das outras universidades brasileiras. As instituições de ensino superior devem agarrar com força a autonomia que têm em busca de equidade na oferta de bolsas nas diversas ciências. A Internacionalização em Casa pode atuar na luta contra a precarização, com a ampliação do orçamento para a internacionalização, para que a função de tutoria social não seja mais voluntária, compreendendo assim, um importante motor de internacionalização.

Instituições com criação recente, como a UFSJ, apresentam maiores dificuldades para o desenvolvimento de sua internacionalização, sobretudo, com os efeitos da pandemia de Covid-19 que paralisou as parcas atividades que se desenvolviam outrora. Contudo, a construção de estratégias de promoção da Internacionalização em Casa pode melhorar e potencializar esse contato intercultural entre estudantes estrangeiros e brasileiros, favorecendo relações como algumas que tivemos a oportunidade de presenciar ao longo das viagens e acompanhamento dos tutores. Ao promover atividades que estão além das aulas comumente realizadas nas universidades, como as viagens culturais, a universidade passa a oferecer a estrangeiros e tutores brasileiros oportunidades únicas de aprendizado sobre nosso país, cultura e história.

Trabalhos futuros podem contribuir com um acompanhamento mais delongado de ações como essa, identificando, inclusive, como se dão as aulas de PLA e sua relação com estrangeiros advindos de países lusófonos. Além disso, é interessante contemplar a continuidade das relações entre estrangeiros e tutores brasileiros, uma vez que em alguns casos, a relação de amizade constituída na tutoria se alarga, tornando o estrangeiro um ponto de apoio para o estudante brasileiro em situação de intercâmbio no exterior.

## Referências

BAUMVOL, L. K.; SARMENTO, S. A Internacionalização em Casa e o uso de Inglês como meio de instrução. **ECHOES**, Further Reflectionson Language and Literature. Florianópolis, 2016.

BRASIL. CAPES. Ministério da Educação. **A Internacionalização na Universidade**

**Brasileira:** resultados do questionário aplicado pela CAPES. Diretoria de Relações Internacionais. 2017. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018:** notas estatísticas. Brasília, 2019.

FEIJÓ, R. N. **A Internacionalização da educação superior no Brasil:** um estudo de caso de alunos estrangeiros do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

KNIGHT, J. Five Myths about Internationalization. **International higher education**. [S.l.], n.6, 2011. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8532/7666>. Acesso em: 08 jun. 2018.

LEA, M. R.; STREET, B. V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, (23)2, p. 157-172. 1998.

LEA, M. R., STREET, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. *In.*: FISCHER, A., KOMESU, F. **Filol. Linguist. Port.**, São Paulo, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307671453\\_O\\_modelo\\_de\\_letramentos\\_academicos\\_teorica\\_e\\_aplicacoes](https://www.researchgate.net/publication/307671453_O_modelo_de_letramentos_academicos_teorica_e_aplicacoes). Acesso em: 22 mai. 2023.

MACEDO, M. do S. A. N.; GOMIDES, P. A. D. Internacionalização e colonialidade do saber na produção científica do Brasil. **Debates em Educação**, Maceió, (12)28, p. 245-264. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10087>. Acesso em: 04 out. 2020.

MACEDO, M. do S. A. N.; GOMIDES, P. A. D. The PEC-G and University Internationalization. **Debates em Educação**, Maceió, (12)1, p. 271-291. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10355>. Acesso em: 03 jan. 2021.

MAUÉS, O. C.; BASTOS, R. dos S. Políticas de internacionalização da Educação Superior: o contexto brasileiro. **Educação**, (40)3, p. 333–342, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/28999>. Acesso em: 23 maio. 2023.

MIRANDA, J. A. A. de; STALLIVIERI, L. Para uma Política de internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Avaliação**, Campinas, (22)3, p. 589-613. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772017000300589&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772017000300589&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 mai. 2018.

MOROSINI, M. C. (Org.). **Guia da Internacionalização Universitária**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2019.

OLIVEIRA, A. L.; FREITAS, M. E. Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. **Revista Brasileira de**

**Educação**, (22)70. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/tFqL6fdZwjPmZfCnBDnYDDv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2023.

PATTERSON, G. **The University from Ancient Greece to the 20th Century**. The Dunmore Press. 1997.

SANTOS, G. M. T. dos; REIS, J. P. C. dos. Covid-19 e Internacionalização em Casa: potencialidades para o processo de ensino-aprendizagem na Educação Superior. **Boletim de Conjuntura – Boca**, (4)2, Boa Vista. 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/28>. Acesso em: 23 mai. 2023.

SANTOS, P. A. D. G. C. **Letramento Acadêmico e Estratégias de Estudantes Estrangeiros da UFSJ**. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2019.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, (23)81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2023.

SILVA, W. A.; MARI, C. L. Internacionalização e ensino superior: História e Tendências atuais. **Revista de Políticas Públicas e Segurança Social**, (1)1, p. 36-53, 2017. Disponível em: <https://www.sumarios.org/revista/revista-de-pol%C3%Aadticas-p%C3%Bablicas-e-seguran%C3%A7a-social>. Acesso em: 23 mai. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI. **Plano de desenvolvimento institucional 2019-2023**. Disponível em: [https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pdi/Res025Consu\\_PDI\\_2019-2023\\_VersoFinal%20\(2\).pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pdi/Res025Consu_PDI_2019-2023_VersoFinal%20(2).pdf). Acesso em: 02 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI. Chamadas e Editais, **Assessoria Internacional UFSJ**. Disponível em: [https://www.ufsj.edu.br/assin/chamadas\\_\\_editais.php](https://www.ufsj.edu.br/assin/chamadas__editais.php). Acesso em: 02 out. 2020.